



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Victória Maria Vidal Silva Souto E Castro

**Fatores de Risco da Cibervitimação Sexual em Adolescentes: Uma Revisão
Sistemática**

Trabalho realizado sob a orientação do
Professor Doutor Diogo Jorge Pereira do Vale Lamela da Silva



Victória Maria Vidal Silva Souto E Castro

**Fatores de Risco da Cibervitimação Sexual
Em Adolescentes: Uma Revisão Sistemática**

Dissertação apresentada na Universidade Lusófona do Porto
Para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia da Justiça: Vítimas de Crime
Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto
No dia 29/07/2022, perante o júri seguinte:

Presidente: Professora Doutora Carla Margarida Vieira Antunes
(Professora Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

Arguente: Professora Doutora Célia Isabel Lima Ferreira
(Professora Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

Orientador: Professor Doutor Diogo Jorge Pereira do Vale Lamela da Silva
(Professor Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

julho 2022

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

À minha família, pelo amor incondicional e paciência nos momentos de maior ansiedade, por toda força que me deram e por sempre acreditarem nas minhas capacidades, mesmo quando eu duvidava de mim.

À minha mãe por enfrentar tudo por mim, ser o meu porto seguro, por me ensinar a ser quem sou, por ter investido em mim e me proporcionado esta e tantas outras oportunidades em meio às dificuldades da vida. Mas principalmente à minha avó que apesar de nunca ter estudado sempre soube que o saber é algo importante e que as circunstâncias não podem moldar a nossa história. À sua fé, resiliência e coragem.

Ao Professor Doutor Diogo Lamela, o meu orientador, pelo apoio prestado nesse percurso.

Os meus sinceros agradecimentos a cada um que fez parte desta trajetória, tenho em mim um pedacinho de cada um no coração. Como disse Belchior numa canção: “presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte”.

Obrigada

Resumo

O desenvolvimento tecnológico das sociedades atuais tem contribuído para profundas alterações nos comportamentos sociais e na aquisição das tarefas desenvolvimentais dos adolescentes. A utilização de tecnologias digitais tem trazido oportunidades de crescimento e desenvolvimento, mas também acarreta risco para a segurança, bem-estar e saúde mental dos adolescentes. Sendo este período de desenvolvimento marcado pela exploração de identidades e comportamentos sexuais, as tecnologias digitais parecem colocar os adolescentes em maior risco de cibervitimação sexual. No entanto, pouco sabe sobre os fatores de risco para a cibervitimação sexual, principalmente nesta faixa etária. Assim, esta revisão sistemática pretendeu rever sistematicamente a investigação empírica produzida até ao momento acerca dos fatores de risco para a cibervitimação sexual em adolescentes (entre os 12 e os 18 anos). Foram triados artigos de três bases de dados (Web of Science, PsycInfo e PubMed), publicados entre o ano de 2001 e 2021, de modo a selecionar estudos que analisavam quantitativamente os fatores de risco para a cibervitimação sexual de adolescentes. Dos 5585 artigos triados inicialmente, vinte cumpriram os critérios de inclusão. A presente revisão sistemática teve dois objetivos: O primeiro, identificar estudos na literatura empírica acerca da prevalência da cibervitimação sexual em adolescentes. O segundo pretendeu identificar os fatores de risco para a cibervitimação sexual em adolescentes. Os resultados evidenciaram que a cibervitimação sexual tem características semelhantes com as formas de vitimação em contexto *offline*, contudo há diferenças no *timing* e proporção destes acontecimentos, pois o que ocorre na internet é de difícil remoção, o que pode revitimar a vítima.

Palavras-chave: Cibervitimação sexual, adolescência, fatores de risco

Abstract

The technological development of current societies has contributed to profound changes in adolescents' social behaviors and acquisition of developmental tasks. The use of digital technologies has brought opportunities for growth and development, but also carries risks to adolescents' safety, well-being, and mental health. As this developmental period is marked by the exploration of sexual identities and behaviors, digital technologies appear to put adolescents at greater risk for sexual cybervictimization. However, little is known about the risk factors for sexual cybervictimization, especially in this age group.

Thus, this systematic review aimed to systematically review the empirical research produced to date about risk factors for sexual cybervictimization in adolescents (aged 12 to 18 years).

Articles from three databases (Web of Science, PsycInfo, and PubMed), published between the year 2001 and 2021, were screened to select studies that quantitatively analyzed risk factors for adolescent sexual cybervictimization. Of the 5585 articles initially screened, twenty met the inclusion criteria. The present systematic review had two objectives: The first, to identify studies in the empirical literature about the prevalence of sexual cybervictimization in adolescents. The second aimed to identify the risk factors for sexual cybervictimization in adolescents.

The results showed that sexual cyber-victimization has similar characteristics with the forms of victimization in offline context, however there are differences in the timing and proportion of these events, because what occurs on the Internet is difficult to remove, which can re-victimize the victim.

Keywords: Sexual cyber-victimization, adolescence, risk factors

Índice

Introdução	1
Método	4
Metodologia de Pesquisa	4
<i>Critérios de inclusão</i>	<i>4</i>
<i>Critérios de exclusão</i>	<i>5</i>
Codificação dos estudos	5
Seleção dos estudos	5
Estratégia de análise	7
Resultados.....	7
Características metodológicas dos estudos	16
Discussão.....	17
Limitações da presente revisão.....	20
Referências	21

Índice de figuras

Figura 1: Fluxograma do processo de seleção dos estudos empíricos 6

Tabela 1: Tabela de Síntese dos Resultados dos Estudos Incluídos.....8

Lista de abreviaturas

LGBT+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e todas as diversas possibilidades de orientação sexual e identificação de género.

EUA - Estados Unidos da América

Introdução

Nos últimos anos, o uso das tecnologias no nosso quotidiano tem crescido de forma exponencial, sendo significativa a sua presença e o seu impacto na sociedade. A grande razão para estarmos constantemente ligados a computadores, *tablets* e *smartphones* deve-se ao facto de podermos ter um maior contacto com as pessoas, mesmo que não presencialmente (Álvarez-Garcia et al., 2018).

Em resultado destes progressos tecnológicos, os telemóveis tornaram-se a principal ferramenta de socialização e comunicação dos adolescentes (Confalonieri et al., 2020). Alguns autores da psicologia do desenvolvimento têm defendido que a utilização da tecnologia levou a uma revolução dos processos desenvolvimentais dos adolescentes, com forte impacto nas tarefas e marcos desenvolvimentais e, com especial foco, no desenvolvimento da sexualidade (Konijn et al., 2015).

Barrense-Dias et al. (2020) demonstraram que o desenvolvimento dos meios de comunicação e partilha, incluindo o crescimento do mercado de *smartphones*, as aplicações e redes de partilhas *online*, conduziram à criação, evolução e facilitação de determinados comportamentos, como pode ser o caso dos adolescentes que cada vez mais exploram a sua sexualidade através de meios tecnológicos (e.g., mensagens de texto, redes sociais e *e-mails*). Concomitantemente, os adolescentes descobrem e exploram a sua sexualidade de forma gradual. As novas tecnologias com as suas conexões ilimitadas e comunicações instantâneas têm uma parte ativa nesse processo, influenciando as experiências de interações destes jovens (Barrense-Dias et al., 2020).

Apesar das possibilidades trazidas através da tecnologia e *internet* para o desenvolvimento integrado e positivo na adolescência, a utilização das tecnologias tem sido, também, associada ao maior risco de problemas de saúde mental.

As taxas de depressão, ansiedade e suicídio tiveram aumentos, sobretudo entre as raparigas (Mojtabai et al., 2016 como citado por Odgers & Jensen, 2020). Adicionalmente, o uso das tecnologias pode refletir-se num conjunto de efeitos psicossociais negativos na autoestima, imagem corporal, identidade e desenvolvimento dos adolescentes (Odgers & Jensen, 2020). Por exemplo, no estudo realizado por Shah et al. (2018), verificou-se que numa pesquisa realizada com 1500 jovens adultos, a rede social *Instagram* foi classificada como a pior rede social para a saúde mental e bem-estar, uma vez que o seu impacto se reflete sobretudo na ansiedade e depressão. Outros estudos indicam que os adolescentes com utilização excessiva e aditiva da

tecnologia estão em maior risco de menor rendimento acadêmico, menor competência social e maiores problemas de relacionamento interpessoal (Crone & Konijn, 2018).

Além do seu potencial impacto negativo no desenvolvimento sócio emocional, no rendimento acadêmico e na saúde mental dos adolescentes, a utilização das diferentes formas de tecnologia tem sido associada a um aumento do risco de experiências de vitimação na adolescência (Zweig et al., 2014). Por exemplo, um estudo que avaliou prevalência as experiências de vitimação demonstrou que 33.8% dos adolescentes foram expostos a algum tipo de cibervitimação (Shah et al., 2018), enquanto o estudo de Montiel et al. (2016) mostrou que 39.5% dos adolescentes sofreram vitimização sexual *online* no último ano. Estes elevados valores sugerem a importância do estudo deste fenómeno a fim de tentar identificar com mais precisão os principais fatores de risco, de modo a orientar a sua prevenção, sinalização e intervenção.

A violência perpetrada através dos meios tecnológicos tem sido foco de vários estudos nos últimos anos (Barragán et al., 2021; Carvalho et al., 2021; Nasaescu et al., 2020 como citado por Molorea et al., 2022). A cibervitimação é definida como danos intencionais e repetidos infligidos pela utilização de tecnologias, sendo que pode ocorrer sobretudo por forma escrita, por forma verbal ou visual, por exclusão e por imitação (Nocentini et al., 2010 como citado em Álvarez-García et al., 2019). A cibervitimação sexual, por sua vez, assume particular preocupação social, dada a sua elevada prevalência e as suas potenciais consequências para o desenvolvimento e funcionamento dos adolescentes (Logonbardi et al., 2020) e é definida como sendo um constructo multidimensional, no sentido em que poderá integrar diferentes tipologias abusivas como sendo: *Sexting*, *cyberstalking*, *cyberbullying* e o *cyber dating abuse* entre outros (como citado por Caridade & Braga, 2019).

O *sexting* é um comportamento que cresceu com o uso dos *smartphones* e pode ser caracterizado como enviar e/ou receber imagens ou vídeos de natureza sexualmente sugestiva, bem como mensagens de textos sexualmente explícitas (Shah et al., 2018). Apesar do *sexting* ser considerado uma expressão do desenvolvimento sexual através das novas tecnologias, alguns autores defendem que o *sexting* pode, por outro lado, ser visto como um comportamento desviante que tende a ocasionar consequências para a saúde, como por exemplo uma forma potencial de vitimação *online* (Confalonieri et al., 2020). Nada obstante, a literatura indica que este comportamento pode facilitar problemas psicológicos e sociais e potencializar o envolvimento em comportamentos de risco à saúde (Ballester-Arnal et al., 2016).

O *cyberbullig* é caracterizado como sendo um dano intencional e repetido perpetrado por um indivíduo isolado ou um grupo que, de forma intencional, utiliza meios tecnológicos para infligirem ameaças deliberadas e o assédio através de imagens ou texto (Baldrya et al., 2019). O *cyberstalking*, por sua vez pode ser definido como o assédio intencional e repetido. Este comportamento inclui um contacto persistente que pode gerar ameaças diretas à vítima (Kircaburum et al., 2018).

O *cyberdating abuse* dentre os três tipos de comportamentos abusivos engloba os construtos do abuso, referindo não apenas um evento isolado de agressão e é definido como uma forma de controlo e assédio (Caridade et al., 2019).

A cibervitimação sexual tem sido associada a um maior risco de sintomatologia psicopatológica – particularmente sintomatologia depressiva e sintomas de stress pós-traumático – e a um maior risco de vitimação *in person* e experiências de polivitimação (Nur Say et al., 2015; Wells & Mitchell, 2007 Como citado por Gámez-Guadix & De Santisteban, 2017).

A incidência e prevalência da cibervitimação sexual entre adolescentes não são consensuais na literatura devido à diversidade concetual e metodológica dos estudos, exemplificada na utilização de diferentes definições para o mesmo construto (e vice-versa) e na definição da faixa etária que corresponde ao período da adolescência (variando entre os 9 e os 25 anos) (Crone & Konijn, 2018; Houck et al., 2014; Watchs et al., 2021).

Assim, a identificação dos fatores individuais e contextuais que aumentam o risco de um adolescente ser exposto a uma experiência de cibervitimação sexual assume particular relevo para a definição de políticas e programas de prevenção, que possam, por um lado, compreender esta nova conceção de vitimação sexual. Apesar da sua importância, são poucos os estudos que se dedicaram a análise de fatores de risco para a cibervitimação sexual em adolescentes, como é o caso do estudo realizado por álvaes-García et al., (2015) que é um exemplo de estudo que aborda fatores de risco de cibervitimação sexual na adolescência. Este estudo utilizou a análise de dados sociodemográficos, fatores psicológicos, educacionais, familiares e tecnológicos para prever os riscos da cibervitimação.

Do nosso conhecimento, não existe nenhum esforço prévio na literatura para sistematizar os resultados da investigação empírica sobre os fatores de risco para a cibervitimação sexual em adolescentes. Por conseguinte, o objetivo do presente estudo foi identificar sistematicamente fatores de risco para cibervitimação sexual em adolescentes e, para o efeito, foi considerado como fator de risco qualquer variável que demonstrou significância estatística na variação da probabilidade de exposição a uma experiência de cibervitimação sexual.

Método

Metodologia de Pesquisa

A presente revisão sistemática utilizou a estrutura proposta pelo modelo PRISMA. O modelo PRISMA traduz-se num *checklist* composto por 27 itens e um fluxograma de quatro etapas. Este é um modelo baseado na evidência e é utilizado no relato de revisões sistemáticas e meta-análises (Moher et. al, 2009).

Com a finalidade de compreender as tendências metodológicas, os objetivos e resultados da investigação produzidas neste domínio, procedeu-se a um levantamento sistemático da literatura científica até julho de 2021, que teve como objetivo identificar estudos empíricos sobre as variáveis-alvo desta revisão. Foram pesquisados artigos científicos indexados nas bases de dados eletrónicas Web of Science, PsycInfo e PubMed. Foi utilizada a seguinte estratégia de pesquisa: *(Cyber OR online OR livestreaming OR technology OR mobile OR internet OR computer OR media OR social media OR Instagram OR facebook OR whatsapp OR twitter OR snapchat OR app) AND (Revenge porn OR pornography OR voyeurism OR sexual grooming OR sexual solicitation OR sexting OR sextortion OR sexual extortion OR child pornography OR adolescent pornography OR child sexual abuse OR adolescent sexual abuse OR child prostitution OR adolescent prostitution OR sexual hate OR cyberhate OR sexual coercion OR hate OR sexual exploitation OR sexual violence OR sexual abuse) AND (Adolescents ORadolesc* OR teen* OR youth OR young people)*.

A pesquisa bibliográfica foi restringida a artigos publicados em línguas inglesa, portuguesa e espanhola. A seleção dos artigos ocorreu em duas fases: após a remoção dos artigos duplicados, foi tido em atenção os títulos, resumos e as palavras-chave de todos os artigos identificados por esta estratégia de pesquisa, no intuito de serem analisados para que fosse possível identificar os artigos potencialmente elegíveis para a revisão, numa segunda fase recorreu-se a leitura dos artigos para confirmar se os mesmos se enquadravam na análise anteriormente realizada.

Crítérios de inclusão

Foram definidos os seguintes critérios de inclusão para selecionar os artigos para a presente revisão sistemática: (1) ser um estudo com metodologia quantitativa; (2) os participantes serem adolescentes entre os 12 e 18 anos, inclusive (em casos de estudos com populações de outras faixas etárias além de adolescentes, existirem dados específicos relativos aos adolescentes); (3) apresentar dados OU fatores de risco (características demográficas, individuais, familiares, contextuais) de pelo menos um tipo de cibervitimação sexual.

Critérios de exclusão

Foram definidos como critérios de exclusão para remover artigos para a presente revisão: (1) estudos de caso, revisões sistemáticas, *proceedings*, dissertações/teses e estudos qualitativos; (2) artigos redigidos em outra língua que não inglês, português e espanhol.

Codificação dos estudos

Os artigos incluídos na revisão foram codificados de acordo com as seguintes características: estudo, país (localização do estudo), idade dos participantes (variação de idade ou média), número de participantes (sexo), construto da vitimação, medidas, fatores de risco. Estes dados codificados foram sistematizados em tabela.

Seleção dos estudos

O processo de pesquisa e exclusão encontra-se sumarizado na Figura 1. Primeiramente, foram identificados uma série de artigos nas bases de dados Web of Science, PsycInfo e PubMed ($N = 5585$), utilizando a estratégia de pesquisa acima mencionada. Após esta pesquisa inicial, foram removidos os artigos duplicados ($n = 5103$). De seguida, os artigos foram analisados e selecionados com base nos critérios de exclusão. Inicialmente, os artigos foram avaliados com base nos títulos, resumos e a palavras-chave ($n = 482$), sendo selecionados a partir dos critérios de exclusão. Posteriormente, foram novamente consultados e avaliados na sua íntegra para elegibilidade dos artigos que seriam selecionados ($n = 115$). Assim, 20 artigos cumpriram os critérios de inclusão, sendo integrados neste estudo de revisão sistemática.

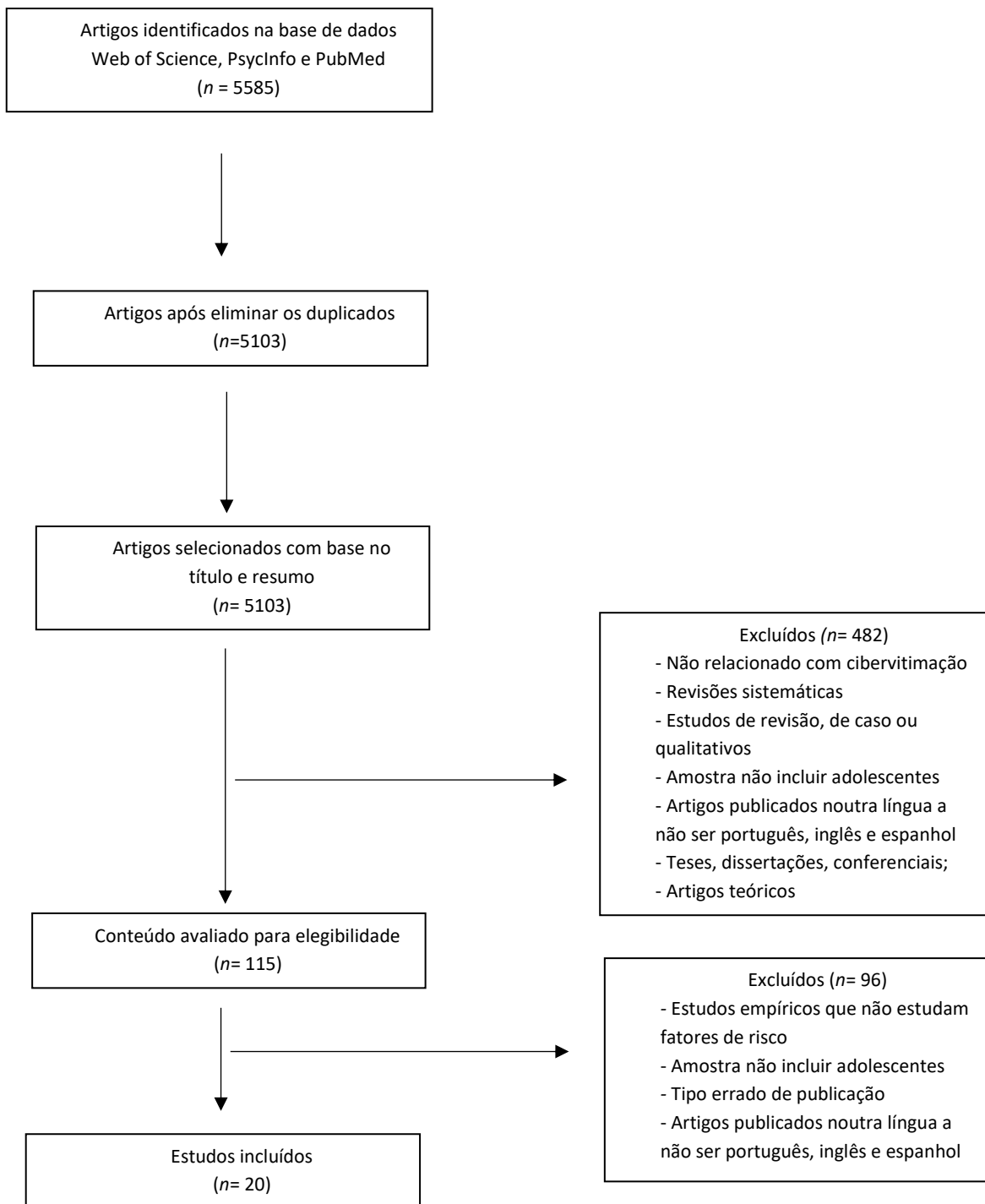


Figura 1. Fluxograma do processo de seleção dos estudos empíricos.

Estratégia de análise

Para a presente revisão, o método utilizado foi desenvolvido através da análise dos fatores de risco para a cibervitimação sexual, relatados nos estudos quantitativos eleitos, pelos quais foram classificados e extraídos os principais temas abordados. Os estudos que estavam de acordo com os critérios estabelecido, foram revistos por dois investigadores, de forma independente, para a tomada de decisão relativamente à sua inclusão e extração de dados. As discordâncias que surgiram entre os investigadores foram resolvidas mediante discussão, para que fosse possível atingir um consenso.

Resultados

A composição dos resultados, ao nível das características dos estudos selecionados, encontra-se apresentada na Tabela 1.

Caraterísticas dos estudos

Os vinte estudos selecionados para esta revisão sistemática foram publicados entre 2012 e 2021 e foram realizados nos Estados Unidos da América, Bélgica, Espanha, Itália, Turquia, Noruega e o País Basco. Os estudos utilizaram exclusivamente metodologias quantitativas para a análise de dados.

As amostras dos estudos foram maioritariamente recrutadas em contexto escolar. Quanto aos participantes, a amostra da maioria dos estudos era maioritariamente composta por raparigas. Não obstante, o estudo de Foody et al., 2021 revelou que 1.5% dos participantes do estudo não se identificavam com o género feminino ou masculino. Cinco dos vinte artigos abordaram algum aspeto da cibervitimação sexual em minorias sexuais (e.g. Rice et al., 2015; Van Ouytsel et al., 2021; Foody et al., 2021; Wachs et al., 2021; Van Ouytsel et al., 2021).

A Tabela 1 identifica o estudo, o país, o tamanho da amostra, as médias de idades, o construto da cibervitimação sexual e os fatores de risco de cada artigo incluído na revisão sistemática.

Tabela 1

Tabela de Síntese dos Resultados dos Estudos Incluídos

Estudo	País	N	Média de Idades	Construto de cibervitimação sexual	Fatores de Risco
Baumgartner et al. (2012)	Holanda	1762 (49% sexo feminino)	M= 14.52	Solicitação sexual <i>online</i> Assédio <i>online</i>	Parentalidade negativa Uso excessivo da internet Elevada procura de sensações Procura de parceiros <i>online</i>
Noll et al. (2013)	EUA	56 (todas do sexo feminino)	14-17 anos	Solicitação sexual <i>online</i>	Baixa monitorização parental no uso da <i>internet</i> Parentalidade negativa
Houck et al. (2014)	EUA	420	2-14 anos	<i>Sexting</i>	Atividade sexual precoce
Zweig et al. (2013)	EUA	5647 (52% sexo feminino)	7º ao 12º ano	<i>Ciber dating abuse</i>	Ser do género feminino Uso da excessivo da <i>internet</i>
Van Ouytse et al. (2014)	Bélgica	1028 (58% sexo feminino)	M= 16.68	<i>Sexting</i>	Sintomatologia depressiva Procura de sensações Altos níveis de impulsividade Stress económico

Rice et al. (2014)	EUA	1831	14-18 anos	Solicitação sexual <i>online</i>	Ter um telemóvel Procura de parceiros <i>online</i>
Montiel et al. (2016)	Espanha	3897 (52.7% sexo feminino)	<i>M</i> = 14.45	Exposição indesejada à conteúdo sexual Violação de privacidade Pressão sexual Coerção sexual	Ser do género feminino Ser um adolescente mais velho
Ballester-Arnal et al. (2016)	Espanha	322 (53.1% sexo feminino)	<i>M</i> = 14.76	Compulsividade sexual <i>online</i>	Uso de pornografia Vício em sexo <i>online</i>
De Santisteban & Gámez-Guadix (2017)	Espanha	2731 (50.6% sexo feminino)	<i>M</i> = 14.02	Solicitação sexual <i>online</i>	Utilização de jogos <i>online</i> e de redes sociais Baixa supervisão parental Baixos níveis de autoestima Elevados níveis de interação com desconhecidos <i>online</i>
Kernsmith et al. (2018)	EUA	1236	12-18 anos	<i>Sexting</i> coercivo	Entrada no ensino secundário; Ser um adolescente mais velho

Van Ouytsel et al. (2019)	Bélgica	3109 (53.5% do sexo feminino)	<i>M</i> = 13.01	<i>Sexting</i>	Ser minoria sexual Ser do género feminino
Schoeps et al. (2020)	Espanha	1200 (50.83% sexo feminino)	<i>M</i> = 14.54	<i>Sexting</i> erótico e pornográfico	Comportamentos eróticos <i>online</i> Altos níveis de desinibição
Confalonieri et al. (2020)	Itália	541 (60% sexo masculino)	<i>M</i> = 16.19	<i>Sexting</i>	Pressão dos pares e/ ou parceiros Parentalidade negativa Ser do género feminino
Dönmez & Soylu (2020)	Turquia	48 (75% sexo feminino)	12-16 anos	Solicitação sexual <i>online</i>	Compartilhar informações pessoais <i>online</i> Comunicar com estranhos <i>online</i>
Longobardi et al. (2020)	Itália	229	<i>M</i> = 15.0	<i>Sexting</i>	Expansão indiscriminada da lista de contactos nas redes sociais Comunicar com estranhos online Ser do género feminino
Hinduja & Patchin (2020)	EUA	2218	12 - 17 anos	<i>Ciber dating abuse</i>	Envio de sexts

					Ter relações sexuais com o parceiro
Van Ouytsel et al. (2020)	Bélgica	1306 (50.5% sexo feminino)	<i>M</i> = 14.97	<i>Sexting</i>	Pressão dos pares ou dos parceiros Envio de sexts
Hernández et al. (2021)	País Basco	1763 (50.99% sexo feminino)	<i>M</i> = 14.56	<i>Sexting</i> Grooming	Adolescentes com altos níveis de extroversão, narcisismo e desinibição
Wachs et al. (2021)	EUA	2506 (50% raparigas)	<i>M</i> = 15.17	<i>Sexting</i> não consensual; <i>Sexting</i> sob pressão	Ser do género feminino Pressão social Sintomatologia depressiva
Foody et al. (2021)	Irlanda	848 (52,7% sexo feminino)	<i>M</i> = 16.4	<i>Sexting</i>	Ser do género feminino Ser minoria sexual Pressão dos pares Ser um adolescente mais velho

Baumgartner et al., (2012) demonstrou que a solicitação sexual *online* e o assédio *online* na adolescência têm uma maior probabilidade de ocorrer quando a parentalidade é negativa, há um uso excessivo da *internet*, juntamente com os elevados níveis de procura de sensações e procura de parceiros *online*. O estudo demonstrou também que os comportamentos *online* e *offline* dos

adolescentes estão intimamente relacionados e a *Internet* pode ser considerada um ambiente de experimento para a sua sexualidade antes dos relacionamentos *offlines*.

Noll et al., (2013) O estudo mostrou que adolescentes que tinham menores níveis de monitorização parental apresentavam mais solicitações sexuais indesejadas comparativamente com os adolescentes com maiores níveis de monitorização. O estudo revelou, ainda, que a parentalidade e a monitorização positiva dos pais potenciam a diminuição dos comportamentos de riscos *online* e *offline* dos adolescentes.

Zweig et al. (2013), ao estudarem o *ciber dating abuse*, perceberam que ser do género feminino e o uso excessivo da *internet* aumentam a probabilidade de os adolescentes experienciarem alguma forma de vitimação nos seus relacionamentos virtuais. O estudo revelou que os adolescentes do género masculino relataram mais perpretação de vitimação sexual nos relacionamentos *online*. Os autores relataram que os perpetradores da violência sexual no namoro virtual tiveram dezassete vezes mais probabilidade de também terem cometido coerção sexual face aos não perpetradores de violência. Deste modo, a violência no namoro virtual foi significativamente associada a uma série de correlatos, incluindo aqueles de natureza psicossocial, comportamental e relacionada à escola, família e parceiros.

Houck et al., (2014) avaliaram as causas do *sexting* em adolescentes e perceberam que a atividade sexual precoce pode ser um fator de risco no envolvimento dos adolescentes que praticam *sexting*. Segundo os autores, os adolescentes que iniciam a atividade sexual precoce têm menos consciência de seu estado emocional e percebem menos autoeficácia no autocontrolo das suas emoções. Posto isto, o *sexting* pode surgir como forma de autoexpressão que coocorre com os comportamentos sexuais e pode representar um indicador de risco sexual para os adolescentes. Relativamente ao envio e receção de *sexts*, maioritariamente são as raparigas que enviam e maioritariamente são os rapazes que solicitam este tipo de mensagens.

Van Ouytse et. al (2014) analisaram os aspetos relacionadas ao comportamento *de sexting* realizado por adolescentes. O estudo sugeriu que a sintomatologia depressiva, a procura de sensações, os altos níveis de impulsividade e o *stress* económico são fatores que podem aumentar o risco de os adolescentes envolverem-se no envio de mensagens de teor sexual. O estudo também mostrou evidência que os adolescentes que estão à procura de sensações tendem a ter comportamentos de risco sexual quer *online* como *offline*.

Rice et al. (2015) estudaram os fatores associados à solicitação sexual *online* por adolescentes. O estudo aferiu que os adolescentes que têm acesso à internet via *smartphone* e que procuram parceiros virtuais, estão em maior risco de receber solicitações *online* para sexo. Para além destes dados, o estudo encontrou que os adolescentes LGBT+ relataram maior utilização da *Internet* para

a procura de parceiros e que os adolescentes bissexuais relataram significativamente mais experiências de serem abordados para sexo *online* comparativamente aos seus pares heterossexuais.

Montiel et al. (2015) exploraram os fatores inerentes à exposição indesejada a conteúdo sexual, violação da privacidade, pressão sexual e a coerção sexual por parte dos adolescentes. O estudo demonstrou que ser do género feminino e ser um adolescente mais velho aumentam a probabilidade de os adolescentes estarem expostos a comportamentos de risco *online*. O estudo também revelou que adolescentes expostos a maior cibervitimação sexual apresentavam maior risco de vitimação múltipla.

Kernsmith et al. (2018) estudaram as causas do *sexting* coercivo para com os adolescentes e encontraram que a entrada no ensino secundário e ser um adolescente mais velho aumenta significativamente o risco do *sexting* coercivo. Foi, também, percebida uma associação significativa entre o *sexting* coercivo e as formas mais tradicionais de coerção sexual. Relativamente às questões de género, os rapazes são mais propensos a pressionarem os seus parceiros do que as raparigas.

Van Ouytsel et al. (2019) analisaram os fatores do *sexting* realizado por adolescentes e verificaram que ser um jovem de minoria sexual ou ser do género feminino pode ser considerado um fator de risco para o *sexting*. O estudo explica que tal pode ocorrer, pois os jovens de minorias sexuais são mais propensos a experimentar (mas não a perpetrar) comportamentos de *sexting* abusivos, bem como são mais propensos a serem vitimados por serem pressionados a enviar imagens sexualmente explícitas feita por eles mesmos, comparativamente com os adolescentes heterossexuais. Deste modo, correm um risco significativamente maior de sofrerem violência e assédio sexual *online*.

Schoeps e colaboradores (2020) exploraram os aspetos do *sexting* erótico e do *sexting* pornográfico. Os autores constataram que os comportamentos eróticos *online* e os altos níveis de desinibição dos adolescentes podem ser considerados como potenciais fatores de risco para o *sexting* erótico e para o *sexting* pornográfico. Evidenciaram, também, que a atração física e a desinibição influenciam indiretamente a solicitação do *sexting* erótico e as estratégias de promoção sexual direta fazem uma mediação parcial desta relação. Os comportamentos desinibidos têm impacto indireto na solicitação *online*, sendo que o *sexting* pornográfico e as estratégias de coerção surgem como mediadores.

Confalonieri et al., (2020) procuram perceber os fatores do comportamento de *sexting* dos adolescentes. O estudo evidenciou que a pressão dos pares e/ou parceiros, a parentalidade negativa e ser do género feminino estavam associados com a maior probabilidade de envio de mensagens eróticas. Em particular, o estudo sugeriu que as raparigas adolescentes, apesar de

terem uma maior consciência acerca das consequências do envio de sexts, são as que mais praticam *sexting*. Os autores referem que tal pode ser explicado através do duplo padrão sexual a qual as raparigas estão expostas, uma vez que enviam sexts como uma forma de autoexame e, ao mesmo tempo, tornam-se objeto de condenação moral. Apesar do *sexting* ser uma questão social e de saúde pública, o estudo demonstrou que os adolescentes que têm consciência acerca do risco associado ao *sexting*, são menos propensos a este comportamento.

Hinduja e Patchin (2020), ao analisarem os aspetos do *ciber dating abuse*, perceberam que os adolescentes que enviam de sexts e têm relações sexuais com o seu parceiro têm mais probabilidade de serem vitimadas no namoro virtual. O estudo demonstrou ainda que não se deve considerar a violência no namoro *online* e *in person* como entidades distintas, dado que a violência no namoro digital é um padrão de comportamento de controle facilitado pela tecnologia.

Van Ouytsel et al., (2020) estudaram os fatores relacionados ao *sexting* em adolescentes. Os autores verificaram que a pressão dos pares ou dos parceiros e o envio de sexts podem ser considerados fatores de risco para o *sexting*. Ainda assim o estudo indica que os adolescentes de minorias sexuais foram significativamente mais propensos a enviar, criar ou receber sexts do que adolescentes heterossexuais, bem como são mais propensos a sofrer pressões por parte dos pares para enviar mensagens sexualmente explícitas. Relativamente a idade, o estudo indica ainda que os adolescentes mais velhos são mais propensos a sofrerem pressão por parte dos pares para enviar mensagens de teor sexual.

Hernández et al., (2021) avaliaram os fatores de personalidade preditivos dos comportamentos sexuais *online*, particularmente *sexting* e *grooming online*. Os autores testaram a extroversão, desinibição, narcisismo. Este estudo demonstrou que adolescentes com traços mais elevados de extroversão e narcisismo postavam significativamente mais imagens eróticas e sensuais nas redes sociais do que jovens com traços menos elevados. Foi também encontrado que jovens com níveis mais elevados de desinibição se envolvem em *sexting* com ainda mais frequência. O estudo mostrou ainda que adolescentes com alta desinibição *online* e baixos níveis de empatia são mais propensos a partilhar fotos nuas ou seminuas com seus pares.

Wachs et al., (2021) avaliaram os aspetos do *sexting* não consensual e o sob pressão em adolescentes. O estudo evidenciou que ser do género feminino, a pressão social e a sintomatologia depressiva podem ser fatores de risco para o *sexting* não consensual como para o *sexting* sob pressão. Encontrou-se relação entre o *sexting* sob pressão e o não consensual para a automutilação não suicida e, uma relação significativa entre *sexting* sob pressão e sem pressão para a autoagressão digital. Face ao género, as raparigas são mais afetadas por *sexting* sob pressão, dado

que os papéis de gênero tradicionais e as normas sexuais refletem-se nos comportamentos de *sexting* nos adolescentes.

Foody et al., (2021) investigou as causas do *sexting* realizado por adolescentes. Os autores perceberam que ser do gênero feminino, ser minoria sexual, sofrer pressão dos pares e ser um adolescente mais velho aumenta a probabilidade de envolver-se em comportamentos de *sexting*. O estudo evidenciou ainda que as raparigas normalmente envolvem-se mais no envio de *sext*, o que pode ser um reflexo da pressão dos seus pares, dado que receber *sexts* está mais associado aos rapazes. Relativamente às minorias sexuais, percebeu-se que eram mais propensos a serem *sexters* bidirecionais. Este relato pode advir de questões sociais onde os adolescentes LGBTQ+ tendem a sentirem-se mais livres para expressar sua própria sexualidade por meios tecnológicos, comparativamente com o contexto *offline*. Além disso, as minorias sexuais podem perceber o *sexting* como uma forma de autoexpressão ou uma forma de explorar e estabelecer sua própria identidade sexual.

Os estudos selecionados procuraram avaliar os comportamentos de risco para a cibervitimação, sendo que maioritariamente a cibervitimação sexual. Face às especificidades dos objetivos de cada artigo selecionado para esta revisão sistemática, passo a citar o objetivo de cada estudo, ano e seus respectivos autores em três grupos numa linha temporal:

Grupo 1: Baumgartner et al., (2012) objetivaram avaliar o desenvolvimento do comportamento sexual de risco *online* e *offline*. Noll et al., (2013) por sua vez, associaram os maus-tratos com os comportamentos de risco *online* e os encontros *offline*. Enquanto Houck et al., (2014), abordaram o *sexting* e os comportamentos sexuais de adolescentes em risco. No estudo de Zwei et al., (2014) os autores relacionaram a taxa de abuso no namoro *online* face às outras formas de violência no namoro. Ainda no mesmo ano, Van Ouytsel et al., procuraram fazer uma associação entre as características de personalidade dos adolescentes e o seu envolvimento em *sexting*. Rice et al., (2015) exploraram o acesso à internet por telemóveis, as solicitações para sexo *online* e a procura de parceiros e comportamentos sexuais de risco *online*. Ao passo que Montiel et al., (2015) aferiram os múltiplos tipos de vitimação *online*. Ballester-Arnal et al., (2016) tiveram em consideração no seu estudo a avaliação do *cibersex* e as atividades sexuais online dos adolescentes.

Grupo 2: De Santisteban & Gámez-Guadix, (2017) concentraram-se na prevalência dos fatores de risco para as solicitações sexuais *online* entre adolescentes e adultos. Kernsmith, et al., (2018) no que lhes concerne analisaram o *sexting* coercivo entre os encontros de adolescentes *online* e *offline*. Enquanto Van Ouytsel et al., (2019) por sua vez, analisaram os comportamentos de *sexting* entre adolescentes heterossexuais e de minorias sexuais.

Grupo 3: Schoeps et al., (2020) procuraram estudar os fatores de risco que fazem com que os adolescentes sejam vítimas de *grooming online*. No estudo de Dönmez & Soylu (2020), os autores avaliaram a relação entre a solicitação sexual e o vício da *internet*. Hinduja & Patchin (2020), por sua vez exploraram a violência no namoro *online* entre os adolescentes. Enquanto Longobardi et al., (2021) conduziram o estudo sobre as preocupações com a imagem corporal para a vitimação sexual *online*. No que concerne o artigo de Hernandez et al., (2021), os autores procuraram avaliar os fatores da personalidade que predizem a vitimação. A medida que Wachs et al., (2021) avaliaram a relação entre o sexo consensual, não consensual e sob pressão relacionado à depressão e automutilação em adolescentes. Foody et al., (2021), procuraram aferir os comportamentos de *sexting* e os problemas comportamentais dos adolescentes. A medida que Van Ouytsel et al., (2021) analisaram os comportamentos de *sexting* entre adolescentes heterossexuais e de minorias sexuais.

Características metodológicas dos estudos

As medidas utilizadas nos estudos selecionados, foram maioritariamente instrumentos de autorrelato e questionários desenvolvidos pelos próprios autores com exceção dos seguintes estudos: Dönmez & Soylu (2020) que utilizaram o K-SADS-P Formulário de dados de uso da Internet, a escala de vício em Internet para jovens; Ballester-Arnal et al., (2016) que optaram pelo questionário ad-hoc e a versão em espanhol do questionário Internet Sex Screening Test da Delmonico (1997); Baumgartner et al., (2012) utilizaram a escala de procura de sensação breve e a adaptação holandesa do FACES; Montiel et al., (2015) recorreram ao questionário de vitimação juvenil via internet e/ou telemóvel (Juvenile Online Victimization Questionnaire, JOV-Q, Montiel & Carbonell, 2012 Como citado em Montiel et al., 2015).

De modo a compreender os fatores de risco para a cibervitimação sexual, tornou-se evidente a necessidade de perceber o construto da vitimação presente nos artigos analisados (que estão descritas na tabela 1), bem como as medidas para a avaliação dos mesmos.

Assim, passo a citar quais foram as medidas utilizadas: apesar de um número considerável de estudos terem desenvolvido as suas próprias questões para a avaliação do construto, alguns utilizaram medidas específicas como é o caso dos seguintes artigos: Schoeps et al., 2020, assim como no estudo de Hernández et al., 2021, utilizaram a escala de sexting e grooming de Peris & Maganto, 2018. Enquanto De Santisteban & Gámez-Guadix, 2017 utilizaram o questionário de sexting de Gámez-Guadix et al., 2015. Ao passo que Kernsmith et al., 2018 utilizaram a subescala Sexual Coercion da Revised Conflict Tactics Scale de Straus et al., 1996. Já Longobardi et al., 2021 recorreram ao questionário Juvenile Online Victimization Questionnaire (JOV-Q).

Discussão

Nesta revisão sistemática, foram analisados estudos empíricos que identificaram fatores de riscos para a cibervitimação sexual em adolescentes. Percebeu-se, com base na análise detalhada dos estudos, que a tecnologia oferece aos adolescentes novas formas de estabelecer relacionamentos interpessoais, assim como permite que os mesmos explorem a sua sexualidade (Baldry et al., 2019).

Caridade e Braga referem que o “abuso íntimo cibernético surge descrito na literatura como sendo um constructo multidimensional, no sentido em que poderá integrar diferentes tipologias abusivas” (como citado por Caridade & Braga, 2019, p2). Deste modo, a cibervitimação sexual tem sido definida, por alguns autores, como uma forma de controlo, assédio e perseguição utilizando os meios de comunicação tecnológicos (Zweig et al., 2014 Como citado por Caridade & Braga, 2019). O que não difere, em grande proporção, à definição de outras formas de violência interpessoais, como por exemplo a violência no namoro *offline* (Longobardi et al., 2020). Logo, pode-se dizer que a vitimação *online* e *offline* parece fazer parte de um mesmo fenómeno, que se manifesta conforme as características do cenário em que ocorre (Ortega & Núñez, 2012).

Deste modo, a cibervitimação acaba por permitir múltiplos tipos de comportamentos abusivos que ocorrem através de meios tecnológicos, como por exemplo o controlo dos pares e a vigilância dos mesmos que através de redes sociais (e.g. *Instagram*, *Facebook* e etc.) e a partilha de rede sociais entre casais, a publicação e envio de fotos e vídeos sem o consentimento do parceiro, a partilha da localização da respetiva localização (Caridade & Braga, 2019), podendo assim contribuir para a violação dos direitos de privacidade, uma vez que tendem a permitir o controlo, o *stalking*, o assédio e outras formas de vitimação.

Há uma normalidade percecionada na utilização dos dispositivos eletrónicos no que concerne a monitorização e controlo (Ballester-Arnal et al., 2016). Esta normalização pode indicar que os comportamentos de vitimação, quando realizados online, por vezes podem não ser considerados como formas de violência, demonstrando que a leitura da vitimação sofrida pode diferir conforme o contexto, isto é: *online* e *offline* (Hinduja & Patchin, 2020). Consequentemente, face à forma como a vitimação é percecionada pelos adolescentes, os mesmos podem não se sentirem vitimados comparativamente com as formas de vitimação ditas *offline*, mesmo que, como também foi verificado na literatura, a violência, quer psicológica quer sexual perpetrada por dispositivos eletrónicos tem formas semelhantes à vitimação em contexto natural de vida (Hernandez et al., 2021).

Ainda assim, percebe-se que, apesar de formas semelhantes de perpetuação de vitimação, a ciberviolência sexual apresenta domínios específicos, como é o caso do tempo que as informações ficam na rede *online* comparativamente com o contexto *offline*, assim como a proporção que este mesmo acontecimento pode ter (Longobardi et al., 2020). A ciberviolência sexual surge como um problema que ameaça a saúde pública dos adolescentes, dado que pode comprometer o bem-estar e a saúde biopsicossocial dos sujeitos (Hernández et al., 2021).

Os estudos incluídos na presente revisão identificaram um conjunto alargado de fatores de risco para a cibervitimação sexual. Estes fatores podem refletir o risco a diferentes níveis da ecologia do desenvolvimento dos adolescentes.

Para sistematizar os fatores de risco cibervitimização sexual, utilizamos o modelo ecológico de Bronfenbrenner (1979, 1986, 1994) para compreender as possíveis camadas interconectadas de potenciais fatores de risco relacionados com o indivíduo (idade, gênero, empatia, número de horas passadas na frente de computador ou *smartphone*), para vínculos interpessoais (amigos, famílias), bem como o contexto social (ambiente escolar e comunitário), (Baldry, Sorrentino, & Farrington, 2016).

Face ao microsistema destes adolescentes, os fatores que aumentam o risco da vitimação são: o gênero, as características de personalidade (altos níveis de extroversão, desinibição e o narcisismo), idade, sintomatologia depressiva. Quanto ao gênero, ser do sexo feminino foi identificado como fator de risco em sete dos estudos selecionados (Zweig et al. (2013); Montiel et al. (2016); Van Ouytsel et al. (2019); Confalonieri et al. (2020); Longobardi et al. (2020); Wachs et al. (2021); Foody et al. (2021)).

Não obstante, a literatura indica também, segundo os estudos de Foody et al. (2021) e Van Ouytsel et al. (2019), que a elevada procura de sensações por parte dos adolescentes, característica esta considerada normativa nesta idade, pode relacionar-se com o uso excessivo da internet e a procura de parceiros *online* que são fatores de risco identificados nos estudos analisados (Baumgartner et al. (2012).

Estudos detetaram características de personalidade como fatores de risco (eg. altos níveis de impulsividade, baixos níveis de autoestima, altos níveis de desinibição, altos níveis de extroversão, narcisismo e desinibição), bem como a sintomatologia depressiva dos adolescentes.

Os estudos analisados indicaram que os adolescentes mais velhos (15 – 18 anos) utilizam mais as redes sociais e as tecnologias, comparativamente com os jovens no início da adolescência (Montiel e colaboradores, 2015). Tal pode ocorrer, pois nesta fase os adolescentes passam a ter uma maior liberdade. O estudo de Kernsmith, et al. (2018) indica que a entrada no ensino secundário pode ser considerada um fator de risco para esta população, dado que tendencialmente

é nesta fase que os jovens têm uma maior interação com os pares e estão à procura de novas descobertas e sensações (Baumgartner et al., 2012). Os mesmos autores referiram, também, que a própria adolescência pode ser considerada um fator de risco na vida dos sujeitos, o que é consistente com os estudos de Houck et al. (2014); Van Ouytsel et al. (2020); Foody et al. (2021).

Relativamente ao mesossistema dos adolescentes, Baumgartner et al., (2012), Noll et al., (2013), De Santisteban & Gámez-Guadix (2017) e Confalonieri et al., (2020) apontaram a parentalidade negativa e a baixa monitorização parental no uso da *Internet* como fatores de risco para a cibervitimação sexual. Tal como a pressão dos pares e/ou parceiros também foram fatores de risco referidos nos estudos analisados. Todavia, a literatura demonstra que o compartilhamento de informações pessoais, assim como a comunicação indiscriminada com estranhos *online* são fatores de riscos que podem conduzir à solicitação sexual *online*, comportamento de *sexting* e ao *ciberdating abuse*.

O *sexting* foi um comportamento bastante discutido nos estudos selecionados para a presente revisão, podendo-se considerar que é na adolescência que os sujeitos mais se envolvem neste tipo de comportamento, dado que na puberdade e no início da descoberta sexual, há uma maior necessidade de explorar a própria sexualidade. Por conseguinte, tendem a utilizar a internet e os dispositivos tecnológicos de forma mais arriscada e, portanto, estão mais expostos a serem cibervitimados sexualmente. Deste modo, o *sexting* não surge como um fator de risco, mas sim como um construto da cibervitimação sexual como é percebido nos seguintes estudos: Houck et al. (2014), Van Ouytsel et al. (2014), Kernsmith et al. (2018), Van Ouytsel et al. (2019), Confalonieri et al. (2020), Longobardi et al. (2020), Van Ouytsel et al. (2020), Hernández et al. (2021), Wachs et al. (2021), Foody et al. (2021). A solicitação sexual, por sua vez também surgiu no estudo como o mesmo tipo de construto e foi verificada nos seguintes estudos: Baumgartner et al. (2012), Noll et al. (2013), Rice et al. (2014), De Santisteban & Gámez-Guadiz (2017), Dönmez & Soylu (2020).

Relativamente ao macrosistema, compreende-se que os adolescentes de minorias sexuais sofrem um maior risco de cibervitimação sexual. Tal pode ocorrer, pois vivemos ainda numa sociedade dotada de preconceitos, onde por vezes tende a inibir a sexualidade dos indivíduos, conduzindo-os à exploração da sua sexualidade através de dispositivos tecnológicos e da *internet*. Todavia, a orientação sexual não prediz a vitimação. Ainda assim, os adolescentes de minorias sexuais são vítimas de maior discriminação, quando comparado com jovens heterossexuais. Portanto, tal discriminação pode ser um fator condutor para o uso indiscriminado das tecnologias. Logo, os adolescentes LGBT+ tendem a ser mais vitimados, pois estão menos protegidos e mais expostos.

Face às mudanças no mundo e suas especificidades no que toca ao crescente uso da *internet* e novas formas de relacionamento (Hernandez et al., 2021), percebe-se que a análise e compreensão desta nova forma de vitimação é importante, pois “requer instrumentos específicos e apropriados nomeadamente a inexistência de limites temporais e geográficos e a ocorrência rápida, arbitrária e contínua do abuso cibernético” (como citado por Bennett et al., 2011; Ouytsel, Ponnet, & Walrave, 2016; Zweig et al., 2014 como citado em Caridade & Braga, 2019, p.3). Por isso, é importante considerar o papel da vitimização tradicional e da cibervitimização na compreensão das relações interpessoais.

Limitações da presente revisão

Embora esta revisão sistemática apresente o seu contributo para a investigação desta temática, a mesma apresenta limitações que devem ser consideradas.

Uma vez que para a realização da revisão, todos os estudos que cumpriram os critérios de inclusão foram referidos, independentemente da sua qualidade metodológica. Por exemplo, foram analisados estudos com amostras bastante reduzidas, como é o caso do estudo de Watchs et al. (2021) que na sua amostra só refere o género feminino.

A presente revisão não permite tirar conclusões acerca da causalidade, devido à sua natureza não experimental. Examinar as interações entre os diferentes fatores de risco é um importante desafio para pesquisas futuras. Devido à perspetiva ampla e multifatorial da avaliação do risco, a prevenção da cibervitimização sexual deve basear-se na noção de que a vitimação pode ser o resultado da presença de fatores múltiplos e determinantes em diferentes sistemas ecológicos que cercam o sujeito.

Implicações para a prática em Psicologia da Justiça

O presente estudo permitiu identificar os fatores de risco para a cibervitimização sexual na adolescência. Ele possibilitou identificar a compreensão deste novo conceito face aos fatores de risco apresentados para a prevenção da cibervitimização sexual.

A discussão do impacto deste tipo de vitimação é de suma importância para a prevenção do mesmo, dado que como compreendido no decorrer desta revisão sistemática as consequências da cibervitimização sexual pode ser de grande alcance, visto que a exposição *online* acarreta efeitos adversos. Deste modo, é importante que a educação sexual dos adolescentes deva ser promotora de discussão mais ampla relativamente à utilização mais segura da *internet*, focalizando a segurança eletrónica destes jovens. Face a isto, compreende-se que são múltiplos os fatores de risco e os mesmos são diversos mediante os diferentes níveis da ecologia do desenvolvimento dos

adolescentes e, por isso, a prevenção para ser eficaz deve focar-se nos diferentes níveis de ação, tendo como alvo não só os adolescentes como, também, a sua família e comunidade.

Embora tenha sido possível realizar que pouco se compreende acerca da aplicação da lei perante a vitimação em rede, entender as dimensões da cibervitimação sexual é fulcral para a psicologia da justiça, pois permite perceber a problemática e as suas nuances de forma que a vítima seja respeitada e não revitimada - especialmente neste contexto sensível onde imagens podem ser utilizadas, por exemplo, para pornografia de vingança.

Referências

Álvarez-García, D., Dobarro, A., & Núñez, J. C. (2015). Validez y fiabilidad del Cuestionario de cibervictimización en estudiantes de Secundaria. *Aula Abierta*, 43(1), 32–38. doi:10.1016/j.aula.2014.11.001

Álvarez-García, D., Núñez Pérez, J. C., Dobarro González, A., & Rodríguez Pérez, C. (2015). Risk factors associated with cybervictimization in adolescence. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 15(3), 226–235. doi:10.1016/j.ijchp.2015.03.002

Ahern, N. R., & Mechling, B. (2013). Sexting: Serious Problems for Youth. *Journal of Psychosocial Nursing and Mental Health Services*, 51(7), 22–30. doi: 10.3928/02793695-20130503-02

Assink, M., Van der Put, C. E., Meeuwssen, M. W. C. M., de Jong, N. M., Oort, F. J., Stams, G. J. J. M., & Hoeve, M. (2019). Risk factors for child sexual abuse victimization: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 145(5), 459–489. <https://doi.org/10.1037/bul0000188>

Ballester-Arnal, R., Giménez-García, C., Gil-Llario, M. D., & Castro-Calvo, J. (2016). Cybersex in the “Net generation”: Online sexual activities among Spanish adolescents. *Computers in Human Behavior*, 57, 261-266. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.12.036>

Barrense-Dias, Y., Akre, C., Suris, J.-C., & Berchtold, A. (2020). Opinions of Adolescents on Prevention Related to Sexting: a Q-Methodology Study. *Sexuality Research and Social Policy*. doi: 10.1007/s13178-020-00431-3

Baldry, A. C., Sorrentino, A., & Farrington, D. P. (2019). Cyberbullying and cybervictimization versus parental supervision, monitoring and control of adolescents' online activities. *Children and Youth Services Review*, 96, 302-307.

Baumgartner, S. E., Sumter, S. R., Peter, J., & Valkenburg, P. M. (2012). Identifying teens at risk: Developmental pathways of online and offline sexual risk behavior. *Pediatrics*, 130(6), e1489-e1496. doi: [10.1542/peds.2012-0842](https://doi.org/10.1542/peds.2012-0842)

Bianchi, D., Morelli, M., Baiocco, R., Cattelino, E., & Chirumbolo, A. (2021). Patterns of love and sexting in teen dating relationships: The moderating role of conflicts. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 2021(178), 133-155. doi: 10.1002/cad.20427

Brown, C. F., Demaray, M. K., & Secord, S. M. (2014). Cyber victimization in middle school and relations to social emotional outcomes. *Computers in human behavior*, 35, 12-21. DOI:10.1016/j.chb.2014.02.014

Caridade, S., & Braga, T. (2019). Versão portuguesa do Cyber Dating Abuse Questionnaire (CDAQ)–Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN): Adaptação e propriedades psicométricas. *Análise Psicológica*, (105). <https://doi.org/10.14417/ap.1543>

Confalonieri, E., Cucci, G., Olivari, M. G., Parise, M., Borroni, E., & Villani, D. (2020). What are you sexting? Parental practices, sexting attitudes and behaviors among Italian adolescents. *BMC psychology*, 8(1), 1-11. doi: 10.1186/s40359-020-00425-1

Choi, H., Van Ouytsel, J., & Temple, J. R. (2016). Association between sexting and sexual coercion among female adolescents. *Journal of adolescence*, 53, 164-168. doi: 10.1016/j.adolescence.2016.10.005

Crone, E. A., & Konijn, E. A. (2018). Media use and brain development during adolescence. *Nature Communications*, 9(1). <https://doi.org/10.1038/s41467-018-03126-x>

De Carvalho-Barreto, A. (2016). Paradigma sistêmico no desenvolvimento humano e familiar: a teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. *Psicologia em Revista*, 22(2), 275-293.

De Santisteban, P., & Gámez-Guadix, M. (2018). Prevalence and risk factors among minors for online sexual solicitations and interactions with adults. *The Journal of Sex Research*, 55(7), 939-950. doi: 10.1080/00224499.2017.1386763

Den Hamer, A. H., Konijn, E. A., Plaisier, X. S., Keijer, M. G., Krabbendam, L. C., & Bushman, B. J. (2017). The Content-based Media Exposure Scale (C-ME): Development and Validation. *Computers in Human Behavior*, 72, 549–557. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.02.050>

Dick, R. N., McCauley, H. L., Jones, K. A., Tancredi, D. J., Goldstein, S., Blackburn, S., ... & Miller, E. (2014). Cyber dating abuse among teens using school-based health centers. *Pediatrics*, 134(6), e1560-e1567. doi: 10.1542/peds.2014-0537

Dönmez, Y. E., & Soylu, N. (2020). The Relationship between Online Sexual Solicitation and Internet Addiction in Adolescents. *Journal of Child Sexual Abuse*, 29(8), 911-923. doi: 10.1080/10538712.2020.1841355

Fisher, B. W., Gardella, J. H., & Teurbe-Tolon, A. R. (2016). Peer Cybervictimization Among Adolescents and the Associated Internalizing and Externalizing Problems: A Meta-

Analysis. *Journal of Youth and Adolescence*, 45(9), 1727–1743. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0541-z>

Foody, M., Mazzone, A., Laffan, D. A., Loftsson, M., & Norman, J. O. H. (2021). “It's not just sexy pics”: An investigation into sexting behaviour and behavioural problems in adolescents. *Computers in human behavior*, 117, <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106662>

Gámez-Guadix, M., Almendros, C., Calvete, E., & De Santisteban, P. (2018). Persuasion strategies and sexual solicitations and interactions in online sexual grooming of adolescents: Modeling direct and indirect pathways. *Journal of Adolescence*, 63, 11-18. doi: 10.1016/j.adolescence.2017.12.002

Guerra, C., Aguilera, G., Lippians, C., Navarro, M., Paz, M., Rebolledo, D., & Alaeddine, R. (2020). Online sexual abuse and symptomatology in Chilean adolescents: the role of peer support. *Journal of interpersonal violence*, doi: 10.1177/0886260520957685

Handschuh, C., La Cross, A., & Smaldone, A. (2018). *Is Sexting Associated with Sexual Behaviors During Adolescence? A Systematic Literature Review and Meta-Analysis*. *Journal of Midwifery & Women's Health*, 64(1), 88–97. doi:10.1111/jmwh.12923

Hernández, M. P., Schoeps, K., Maganto, C., & Montoya-Castilla, I. (2021). The risk of sexual-erotic online behavior in adolescents—Which personality factors predict sexting and grooming victimization?. *Computers in human behavior*, 114. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106569>

Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2021). Digital dating abuse among a national sample of US youth. *Journal of interpersonal violence*, 36(23-24). doi: 10.1177/0886260519897344.

Kircaburun, K., Jonason, P. K., & Griffiths, M. D. (2018). The Dark Tetrad traits and problematic social media use: The mediating role of cyberbullying and cyberstalking. *Personality and Individual Differences*, 135, 264-269.

Longobardi, C., Fabris, M. A., Prino, L. E., & Settanni, M. (2021). The role of body image concerns in online sexual victimization among female adolescents: the mediating effect of risky online behaviors. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 14(1), 51-60. doi: 10.1007/s40653-020-00301-5

Manita, C., & Machado, C. (2012). A Psicologia Forense em Portugal—novos rumos na consolidação da relação com o sistema de justiça. *Análise Psicológica*, 30(1/2), 15-32. doi:10.14417/ap.527

Montiel, I., Carbonell, E., & Pereda, N. (2016). Multiple online victimization of Spanish adolescents: Results from a community sample. *Child Abuse & Neglect*, 52, 123-134. doi: 10.1016/j.chiabu.2015.12.005.

Moreno–Ruiz, D., Martínez–Ferrer, B., & García–Bacete, F. (2019). Parenting styles, cyberaggression, and cybervictimization among adolescents. *Computers in Human Behavior*, 93, 252–259. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.12.031>

Molero, M. M., Martos, Á., Barragán, A. B., Pérez-Fuentes, M. C., and Gázquez, J. J. (2022). Anxiety and Depression from Cybervictimization in Adolescents: A Metaanalysis and Meta-regression Study. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 14(1), 42 - 50. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2022a5>

Moher, D. (2009). Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. *Annals of Internal Medicine*, 151(4), 264. doi:10.7326/0003-4819-151-4-200908180-00135

Noll, J. G., Shenk, C. E., Barnes, J. E., & Haralson, K. J. (2013). Association of maltreatment with high-risk internet behaviors and offline encounters. *Pediatrics*, 131(2). doi: 10.1542/peds.2012-1281

Odgers, C. L., & Jensen, M. R. (2020). Annual Research Review: Adolescent mental health in the digital age: facts, fears, and future directions. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 61(3), 336–348. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13190>

Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25, 405-416. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000300009>

Raymond Arthur (2019). Regulating Youth Sexuality, Agency and Citizenship: Developing a Coherent Criminal Justice Response to Youth Sexting. *King's Law Journal*, 30(3), 377–395. doi: 10.1080/09615768.2019.1686229

Schoeps, K., Peris Hernández, M., Garaigordobil, M., & Montoya Castilla, I. (2020). Risk factors for being a victim of online grooming in adolescents. *Psicothema*, 2020, vol. 32, num. 1, p. 15-33. doi: 10.7334/psicothema2019.179.

Smith, P. K., Thompson, F., & Davidson, J. (2014). Cyber safety for adolescent girls: bullying, harassment, sexting, pornography, and solicitation. *Current opinion in obstetrics and gynecology*, 26(5), 360-365. doi: [10.1097/GCO.000000000000106](https://doi.org/10.1097/GCO.000000000000106)

Shah, J., Das, P., Muthiah, N., & Milanaik, R. (2018). *New age technology and social media*. *Current Opinion in Pediatrics*, 1. doi:10.1097/mop.0000000000000714

Thulin, E. J., Heinze, J. E., Kernsmith, P., Smith-Darden, J., & Fleming, P. J. (2021). Adolescent risk of dating violence and electronic dating abuse: A latent class analysis. *Journal of youth and adolescence*, 50(12), 2472-2486. doi: 10.1007/s10964-020-01361-4.

Van Ouytsel, J., Walrave, M., & Ponnet, K. (2019). An exploratory study of sexting behaviors among heterosexual and sexual minority early adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 65(5), 621-626. doi: 10.1016/j.jadohealth.2019.06.003.

Van Ouytsel, J., Walrave, M., De Marez, L., Vanhaelewyn, B., & Ponnet, K. (2021). Sexting, pressured sexting and image-based sexual abuse among a weighted-sample of heterosexual and LGB-youth. *Computers in Human Behavior*, 117, [106630]. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106630>

Wachs, S., Wright, M. F., Gámez-Guadix, M., & Döring, N. (2021). How are consensual, non-consensual, and pressured sexting linked to depression and self-harm? The moderating effects of demographic variables. *International journal of environmental research and public health*, 18(5), 2597. DOI:[10.3390/ijerph18052597](https://doi.org/10.3390/ijerph18052597)

Walrave, M., Ponnet, K., Van Ouytsel, J., Van Gool, E., Heirman, W., & Verbeek, A. (2015). Whether or not to engage in sexting: Explaining adolescent sexting behaviour by applying the prototype willingness model. *Telematics and Informatics*, 32(4), 796-808. DOI:[10.1016/j.tele.2015.03.008](https://doi.org/10.1016/j.tele.2015.03.008)

Ybarra, M. L., Leaf, P. J., & Diener-West, M. (2004). Sex differences in youth-reported depressive symptomatology and unwanted internet sexual solicitation. *Journal of medical Internet research*, 6(1). doi: [10.2196/jmir.6.1.e5](https://doi.org/10.2196/jmir.6.1.e5)

Zweig, J. M., Dank, M., Yahner, J., & Lachman, P. (2013). The rate of cyber dating abuse among teens and how it relates to other forms of teen dating violence. *Journal of youth and adolescence*, 42(7), 1063-1077. doi: 10.1007/s10964-013-9922-8